

Ano 5 - nº 45

Junho  
1998

UNIVERSUS

# A SOCIEDADE EMERGENTE NEO-EXOTÉRICA

Nei Naiff

**T**alvez fosse mais fácil nos séculos passados, ou no máximo no início do século XX, para os ocultistas eruditos ensinarem aos seus discípulos que um determinado símbolo é análogo ao simbolismo da Grande Mãe, Falo Divino, Anima Mundi, Cadmon, Vêu de Ísis, Coagulatio, Olho de Hórus, Logos, Azoth, Putrefatio, Astrosoma, Elus Cohens, Luz Astral, Mônada... Enfim, eram tantos termos místicos com valores universais que tudo se tornava análogo a alguma coisa. Porém, quantos eruditos clássicos existem atualmente? Quantas pessoas têm a capacidade de compreender tais conceitos?

Temos que entender que todas as sociedades "secretas" se tornaram "discretas"; estão abertas a qualquer um. Todos os símbolos e assuntos que eram ocultos se tornaram revelados em nosso século, os assuntos que se aprendem dentro de qualquer fraternidade podem ser facilmente encontrados em qualquer livraria, porque é delas que, atualmente, seus discípulos também fazem uso. Portanto, tudo está ao nosso dispor, e qualquer um poderá aprender. Com essa globalização esotérica temos um sério problema: podemos ler num livro o que eles praticam, mas nunca vivenciaremos o que eles apreenderam, e assim perde-se toda a tradição e os valores iniciáticos, ou seja, podemos até conhecer o significado de alguns símbolos esotéricos, mas nunca teremos o entendimento dos valores simbólicos corretamente...

O resultado dessa pseudo abertura esotérica, ou melhor, exotérica, onde os conhecimentos estão abertos a qualquer um, transforma-se na seguinte balbúrdia: existem pessoas ensinando a cabala que aprenderam em livros, magias que leram em revistas, tarot num curso de sábado, astrologia por correspondência, pentáculos no chá da tarde, reiki na hora do almoço, xamanismo na lua cheia, numerologia no computador, yoga num hotel, meditação por revistas, e assim por diante, tornando o verdadeiro conhecimento esotérico disperso, fragmentado, fundamentado no nada, no desencontro de idéias, nos conceitos próprios, na experiência pessoal, na falta de coerência filosófica e, principalmente, no misticismo decadente.

Em função disso, não critico os jornais e revistas que nos repudiam: eles têm lá sua razão; até agora não mostramos nada coerente ou disciplinado, tudo é muito "jogado no espaço", sem base, sem coerência, sem passado, sem futuro. Muitos exotéricos engajados na busca do autoconhecimento pensam que é assim mesmo, tudo netuniano, tudo etéreo, tudo zen, tudo intuição, tudo lenda pessoal, tudo vidas passadas, tudo vozes do além, ou, quem sabe, estão querendo somente passar o tempo longe das tardes entediadas ao lado da família. Não, não pode ser assim. Há alguma coisa de errado aí.

Embora desejemos e tenhamos pessoas e empresas fazendo o melhor, tais como, livrarias, editoras, revistas, lojas, espaços, núcleos, professores, mestres e fraternidades, não basta a boa

vontade de todos nós; temos que ter consciência e responsabilidade do que aprendemos, ensinamos ou ofertamos. Neste ponto, todos começamos com a melhor das intenções mas, se o negócio vai mal, como pagar as contas? Como continuar nossa "missão espiritual"? Como ensinar aos nossos semelhantes nossa fantástica descoberta pessoal? Vamos dar ao povo o que ele quer: pão, vinho e circo, como já dizia os imperadores romanos?... Assim voltamos à estaca zero. Modismo, a lei da procura e oferta, o interesse pessoal momentâneo. Aprendemos e melhoramos? Não! Paramos pouco tempo depois, semanas, meses, 2 anos no máximo; e procuramos outro assunto para ensinar, vender ou aprender. A busca frenética da missão espiritual não deve se encontrar

somente no esoterismo ou na religião, ser um sacerdote ou um discípulo não é sinônimo de estar com o passaporte garantido para o reino dos céus ou para a paz no lar. Você já pensou na missão espiritual que tem um médico, professor, cozeiro, político, lixeiro, psicólogo, advogado, motorista, economista, escritor, jornalista, vendedor, pai, mãe? O mundo funcionaria se existisse somente religiosos e místicos? Quem iria plantar, carregar tijolos, aplicar as leis e educar os filhos?

Vamos ser objetivos e práticos neste limiar do século XXI: todo simbolismo, arte e cultura esotérica, a antiga ciência oculta, caiu no gosto popular, mas nem todos são esotéricos ou gostariam de ser. No máximo, são exotéricos. Nem todos querem passar anos da vida fazendo rituais iniciáticos, estudando monografias, livros, pesquisas, vivências, participando de hierarquias, juramentos, honras, dispendendo horas intermináveis de seu precioso dia de

labuta. Temos que ter a plena consciência de que há duas correntes atuando lado a lado, sorvendo dos mesmos conhecimentos, ou melhor, talvez, nunca tenha mudado a antiga fórmula criada por Pitágoras de Samos: "Os esotéricos, que entrem; os exotéricos, que fiquem". Porém, hoje, os exotéricos não querem ficar somente observando os esotéricos; desejam também conhecer e sentir a sensação do mundo transcendental mas, por outro lado, não pretendem se aprofundar, querem conhecer de tudo um pouco, no máximo em alguns meses, ou fins de semana, por isso a classificação de neo-exotéricos. O que fazer com essa classe emergente? Nada. Ela veio para ficar e talvez criar um novo conceito de vida, mais leve, mais solto, menos dogmático e doutrinário.

Portanto, um fator primordial que teremos que lidar doravante é a urgente mudança da linguagem simbólica para os leigos e emergentes. Desenvolver uma hermenêutica esotérica mais acessível a todos, procurar uma semântica mais atual, mitos mais próximos da realidade em nossa sociedade, respostas mais fáceis e objetivas aos incautos, para não passarem adiante conceitos deformados. Como escreveu o Tarólogo Albert Cousté, é preferível uma resposta simples e verdadeira do que uma eloquência confusa e obscura.

*Nei Naiff é tarólogo, astrólogo e cabalista.*